



# OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016 E A REPRESENTAÇÃO DE ATLETAS BRASILEIROS NO JORNAL LANCE! <sup>1</sup>

José Carlos Marques<sup>2</sup>

## RESUMO

*Este trabalho analisa a cobertura do jornal esportivo Lance! nos Jogos Paralímpicos-2016. Por meio de conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, verificamos como o veículo operou os níveis de reconstrução do fato esportivo, tendo em vista o desempenho dos atletas. Ao contrário de edições passadas, nesta houve um cuidado maior da imprensa brasileira no tratamento do atleta com deficiência, evitando-se a disseminação de estigmas e estereótipos.*

*PALAVRAS-CHAVE: atleta com deficiência; jornalismo brasileiro; Análise do Discurso.*

## 1 INTRODUÇÃO

De 5 a 21 de agosto de 2016, parte dos meios de comunicação e do mercado de anunciantes no Brasil voltou suas atenções para a realização dos XXXI Jogos Olímpicos de verão da era moderna, ou simplesmente os *Jogos Olímpicos Rio 2016*, que pela primeira vez tiveram como sede uma cidade da América do Sul, o Rio de Janeiro. A nova dimensão alcançada pelas Olimpíadas desde o final do Século XX trouxe também a reboque outra competição que lhe sucede desde os anos de 1960: trata-se dos Jogos Paralímpicos <sup>3</sup>, que em 2016 aconteceram de 7 a 18 de setembro, também na cidade do Rio de Janeiro, envolvendo atletas com algum tipo de deficiência.

Diante da relevância adquirida pelo parolimpismo no novo milênio e dos desafios que a cobertura deste tipo de evento oferece aos meios de comunicação (RUIZ, 2012; RIUS SANCHIS; SOLVES ALMELA, 2010), este trabalho procurou analisar a cobertura sobre a participação dos paratletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos de 2016. Por meio de conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, investigamos o trabalho do diário esportivo *Lance!*.

Nossa intenção foi analisar quais formações discursivas foram postas em marcha pelo *Lance!* ao noticiar as provas e a competição. Partimos da hipótese

<sup>1</sup> O presente trabalho contou com apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista, zeca.marques@faac.unesp.br

<sup>3</sup> Entidades esportivas brasileiras, a partir de orientação do Comitê Paralímpico Internacional, passaram a adotar o termo "Paralímpico" desde novembro de 2011. Outros órgãos governamentais optaram por manter o uso do termo "Paraolímpico" (Guia Escolar Paralímpico: 2014, p. 4.). Apesar de considerarmos o termo "Paraolímpico" mais afeito à língua portuguesa, daremos preferência ao emprego de "Paralímpico", uma vez que se trata do nome oficial do evento e seu uso tem sido difundido de forma majoritária pelos meios de comunicação nacionais.

de que uma das tendências dos veículos jornalísticos é a de perpetuar certos estigmas e estereótipos que envolvem a pessoa com deficiência – algo percebido em coberturas similares por ocasião das edições anteriores dos Jogos Paralímpicos (HILGEMBERG, 2013; NOVAIS & FIGUEIREDO, 2010; PAPPOUS et al., 2009; PEREIRA et al., 2011; PAILLETTE et al., 2002). A cobertura do jornal *Lance!* na Paralimpíada de 2016, entretanto, reverteu nossa expectativa.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é prioritariamente qualitativa, baseando-se em leitura bibliográfica de obras literárias, de textos conceituais e dos textos do corpus selecionado. A Análise do Discurso (AD), por si só, já estabelece uma forma própria de reflexão sobre o objeto (ORLANDI, 1997, 2001; BRANDÃO, s/d). Surgida na França, a AD representava uma tentativa de suprir as insuficiências da análise de conteúdo praticada nas ciências humanas e que se ocupava apenas da projeção de uma realidade extradiscursiva, não levando em conta as articulações linguísticas e textuais da obra. A AD, por sua vez, preocupou-se logo em fazer uma análise textual, realçando o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos (PÊCHEUX, 1990; DUCROT, 1987), especialmente os ligados à publicidade e ao jornalismo.

Em sua gênese, a AD de linha francesa originou-se de três práticas notadamente europeias: a da tradição filológica; a da explicação de textos como exercício de leitura (comum no aparelho escolar francês); e a do estruturalismo. O pensamento dominante nesse momento é o de Louis Althusser (que procedeu a uma releitura das ideias marxistas), por meio dos estudos de Michel Pêcheux. Este concebe uma nova teoria do discurso que serviria, assim, para dar conta daqueles estudos que procuravam ver, na linguagem, um lugar privilegiado de materialização da ideologia. Esse objeto complexo que é a linguagem passa a ser concebido não apenas em seu componente linguístico, mas também em seu componente sócio-ideológico que a linguística saussuriana não abarcava.

## 3 RESULTADOS

Diversos estudos realizados no Brasil, na Espanha, em Portugal e na França têm colocado em debate o tipo de cobertura que os meios de comunicação põem em prática por ocasião dos Jogos Paralímpicos. Tais estudos são quase unânimes em destacar as impropriedades ou desajustes praticados pelos veículos midiáticos, desacostumados com a prática cotidiana de reconstrução de eventos esportivos nos quais estão presentes pessoas com deficiência. No estudo sobre a midiaticização das Paralimpíadas na televisão francesa, Sylvain Paillette aponta de maneira bastante apropriada o dilema que se instala junto aos órgãos de imprensa e às emissoras de rádio e TV: esses eventos colocam em cena atores que possuem uma característica dupla, ou seja, são atletas de alto rendimento e, ao mesmo tempo, possuem uma deficiência (PAILLETTE, 2002, p. 185).

O jornal *Lance!*, lançado em 1997, é atualmente o único jornal esportivo impresso a circular no Brasil dentre os 50 mais vendidos no país (média de 44.592 exemplares

vendidos e a 16ª colocação).<sup>4</sup> Suas edições diárias contam com 24 páginas em média; durante a realização dos Jogos Paralímpicos 2016, a cobertura do evento variou de seis páginas (na edição de 08/09/2016, um dia após a abertura) a apenas duas páginas (edição de 09/09/2016). Em média, três páginas foram dedicadas ao evento durante a realização da Paralimpíada.

De forma geral, o diário esportivo procurou registrar as conquistas dos paratletas, esquivando-se de cair nas “armadilhas” de utilizar abordagens equivocadas e terminologias impróprias. Nesse sentido, o jornal não promoveu a reprodução de estereótipos que costumam cercar a pessoa com deficiência. Para tanto, é de se imaginar que o trabalho pedagógico realizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) nos meses que antecederam os Jogos Paralímpicos tenha promovido resultados satisfatórios. Entre vários materiais distribuídos aos meios de comunicação, destaca-se o “Guia para a mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos”, de Athanasios Sakis Pappous e Doralice Lange de Souza (2016), que procura lutar contra a perpetuação dos preconceitos que cercam a imagem do paratleta. Nesse “Guia para a Mídia” divulgado pelo CPB, destacam-se algumas orientações para os jornalistas: colocar em primeiro lugar o atleta e não a sua deficiência, destacando suas habilidades e seu nome; priorizar os feitos dos atletas e não suas deficiências. Os autores listam também os termos que deveriam ser evitados, como “deficiente”, “aleijado”, “paralisado” e “inválido”, que poderiam ser substituídos simplesmente por “atleta”, “atleta com deficiência” ou “atleta com...” (citando-se o tipo da deficiência). No que diz respeito aos registros fotográficos o material desenvolvido por Pappous e De Souza (2016) elenca o que deveria ser evitado: poses passivas que enfatizam a deficiência; fotos que denunciam falhas dos paratletas; fotos que retratam os atletas em suposta condição de isolamento ou tristeza; fotos que escondam as deficiências; fotos que dão enfoque excessivo à deficiência. Em contrapartida, os registros fotográficos deveriam retratar os atletas dentro do campo de competição, em ação, portando roupas esportivas, não se escondendo nem se enfatizando a deficiência.

Nas 12 edições do *Lance!* (de 8 a 19 de setembro de 2016) que acompanharam a realização dos Jogos Paralímpicos, não observamos registros fotográficos ou a utilização de termos impróprios ou inadequados. De forma geral, priorizou-se o registro dos paratletas nos ambientes da competição, louvando-se suas conquistas. Um caso, em particular, destoou desses cuidados: o registro fotográfico em close da prótese usada pela atleta americana de triatlo Grace Norman (12/09/17, p. 19). De resto, o jornal fez prevalecer sua marca: a de sempre louvar a vitória em detrimento da derrota, realizando uma produção discursiva eufórica, e não disfórica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jornal *Lance!* procurou não perpetuar, nos Jogos Paralímpicos de 2016, a utilização das mesmas lógicas de cobertura midiática empregada nos demais eventos esportivos de atletas sem deficiência. O fato de o Brasil sediar os dois eventos de

---

4 Dados de 2015 consolidados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC) e publicados pela Associação Nacional de Jornais em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em 10 abril 2017.

forma contígua (Jogos Olímpicos em agosto e Paralímpicos em setembro de 2016 no Rio de Janeiro) fez com que os meios de comunicação brasileiros estivessem mais atentos e preocupados com as particularidades e os públicos das duas competições. O resultado final é satisfatório, uma vez que o *Lance!* procurou ressaltar, tanto no discurso verbal como no discurso visual, as conquistas e resultados dos paratletas. Evitou-se, assim, a representação do atleta com deficiência como um herói, capaz de promover a superação da humanidade, ou como um indivíduo a quem se olha com compaixão e estranheza, em função de sua deficiência.

O trabalho realizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro também colaborou para que o único jornal esportivo impresso brasileiro invertesse a lógica das coberturas anteriores, ainda que com um volume de notícias muito pequeno (média de 3 páginas diárias para um jornal de 24 páginas), levando-se em conta o fato de que o evento desenvolveu-se no Rio de Janeiro, sede do próprio jornal. É de se esperar que as futuras coberturas jornalísticas, além de manterem uma representação digna do atleta com deficiência, possam incrementar o volume de matérias e de conteúdo sobre os Jogos Paralímpicos, competição em que o Brasil tem alcançado resultados expressivos nas últimas edições.

## **LOS JUEGOS PARALÍMPICOS DE RÍO 2016 Y LA REPRESENTACIÓN DE ATLETAS BRASILEÑOS EN EL PERIÓDICO LANCE!**

**RESUMEN:** *En este trabajo se analiza la cobertura del diario deportivo Lance! sobre los Juegos Paralímpicos de-2016. A través de los conceptos de análisis de discurso francesa, vemos cómo el vehículo trabajó los niveles de reconstrucción del hecho deportivo, teniendo en cuenta el desempeño de los atletas en la competición. Al contrario de ediciones anteriores, la prensa brasileña concedió otro tratamiento a los atletas con discapacidad, evitando la propagación de estigmas y estereotipos.*  
**PALABRAS CLAVE:** *atleta con discapacidad; periodismo brasileño; Análisis del Discurso.*

## **THE RIO 2016 PARALYMPIC GAMES AND THE REPRESENTATION OF BRAZILIAN ATHLETES IN THE LANCE! JOURNAL**

**ABSTRACT:** *This paper analyzes the coverage of the Lance! in the Paralympic Games-2016. Through the concepts of the French Discourse Analysis, we verified how the vehicle operated the levels of reconstruction of the sporting event, in view of the sportive performance in the main world competition of parathletes. Contrary to previous editions, in this one there was a greater care of the Brazilian press in the treatment of the disabled athlete, avoiding the dissemination of stigmas and stereotypes.*  
**KEYWORDS:** *Athlete with disabilities; Brazilian journalism; Speech analysis.*

## **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 7.ed. Campinas (SP): Unicamp, s/d.

BOURDIEU, P. “Como é possível ser esportivo?” em **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão** (seguido de “A influência do jornalismo” e “Os Jogos Olímpicos”). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DUCROT, O. **O dizer do dito**. Campinas, Pontes, 1987.

HILGEMBERG, T. “Representação midiática do atleta com deficiência na mídia brasileira e portuguesa: do coitadinho a super-herói”. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais...** Manaus (AM): 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1754-1.pdf>. Acesso em: 20 Abr. 2016.

- NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. “A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal”. **Revista Logos** – Comunicação e Esporte. Rio de Janeiro, v.17, n. 02. 2º semestre 2010.
- ORLANDI, E. **Gestos de leitura:** da história no discurso. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- PAILLETTE, S. et al. “La médiatisation des Jeux Paralympiques à la télévision française”. **Les Cahiers du Journalisme**. N° 11, décembre 2002.
- PÊCHEUX, M. “Análise automática do discurso”, (1969), in GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.
- PAPPOUS, A. et al. “La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación”. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, nº 9. Valladolid: 2009.
- PAPPOUS, Athanasios Sakis; DE SOUZA, Doralice Lange. **Guia para a mídia:** como cobrir os Jogos Paralímpicos. University of Kent; Universidade Federal do Paraná (UFPR). 2016.
- PEREIRA, A. L. et al. “A visibilidade da deficiência: uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos”. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. v. XXII. Porto: 2011.
- RIUS SANCHIS, I.; SOLVES ALMELA, J. A. “Discapacidad y comunicación: periodismo especializado para públicos diversos”. **Revista Comunicación y Hombre**, Madrid, n. 6, 2010.
- RUIZ, S. “Deporte paralímpico: una mirada hacia el futuro”. **Revista U.D.C.A Actualidad & Divulgación Científica**. v. 15. (Supl. Olimpismo), Bogotá: 2012.